

O Estado de São Paulo, 11.1989

Se for preciso uma definição para o trabalho de Vivian Ostrovsky, que seja cinema experimental. Mas ela adverte que não pretende provocar os costumeiros bocejos aos quais estão acostumados os espectadores dessa malfadada espécie de expressão artística. Vivian que nasceu em Nova York, mas viveu no Rio de Janeiro desde os nove meses até concluir os estudos secundários, diz que faz filmes para si mesma. Ela se diverte ao fazê-los. Talvez por isso mesmo ela consiga divertir os espectadores. Seu olho se fixa em imagens cotidianas que todos os olhos vêem, mas a decodificação bem-humorada disso nos põe diante de algo como "cenas que gostaríamos ver".

Partindo da cena banal, Vivian chega a colagens de síssões e sons. Sua câmara super oito fragmenta o mundo em pedaços, ao mesmo tempo em que une o planeta ao não impor barreiras geográficas, passando naturalmente de um banheiro de boate europeu frequentado por um travesti ao calçadão de Copacabana. O som que Vivian coloca como parte fundamental mais do que mera trilha sonora é formado por estilhaços acústicos que atingem o ouvido em acordo ou desacordo evidente. Para o quadro de Eventos Especiais da 20 Bienal internacional de São Paulo, Vivian selecionou seis curtas realizados entre 1982 e 1988 com durações variáveis de 10 a 15 minutos. Formada em psicologia e mais tarde com especialização em cinema, Vivian não tem a preocupação de fazer filmes como uma forma de contar histórias. Ela simplesmente deixa sua câmara procurar os objetos e as pessoas. Misturando cenas noturnas, de vagas luzes que podem iluminar vagabundos notívagos, com cenas à luz mais esfuziante do sol como a relembrar um piquenique em família, Vivian capta e remonta os pequenos hábitos do bicho homem. E assim como o som, onde se ouve de diálogos interrompidos a canções tipicamente brasileiro-interioranas, as cores apreendidas pelas câmaras fornecem o impacto suficiente para se encararem as obras quase como telas em movimento, numa animação sobretudo sonora. Nos 14 minutos de **USSA**, de 1985, retoma o tema das barreiras geográficas abordado em **MOVIE**, de 82, e vai além, quebrando as barreiras ideológicas. **USSA** viaja sem escalas por imagens de Moscou, Nova York, Paris, Milão e Berlim. Depois da world music, Vivian parece sugerir e surgir com o world movie. É o mínimo que se pode pensar quando os olhos deparam um tradicional ritual judaico cujos participantes se movem fervorosamente em roda ao som de um febril samba rasgado.

Jim Joe